

PARA O ENSINO DOS USOS DOS ARTIGOS EM PLE: POR ONDE COMEÇAR?



Ana Cristina M. Lopes

CELGA-ILTEC / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Cristina Martins

CELGA-ILTEC / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Resumo: Os artigos definidos e indefinidos são uma área resistente na aquisição / aprendizagem do PLE, persistindo desvios nos seus usos, mesmo em aprendentes em fases mais avançadas do desenvolvimento interlinguístico. Sendo que certos padrões de ocorrências desviantes sugerem o efeito de transferência da língua materna (LM) do aprendente, a fonte mais relevante de dificuldade residirá na própria ambiguidade do input da língua alvo, dada a existência, no Português Europeu Contemporâneo (PEC), de padrões variáveis de usos dos artigos. No presente trabalho apresenta-se uma proposta de descrição explícita dos usos dos artigos definidos e indefinidos, com base no estado atual dos conhecimentos, tendo em vista o desenvolvimento de atividades pedagógicas ancoradas nos pressupostos das abordagens focus on form. Face à complexidade que caracteriza os usos dos artigos no PEC, foi necessário decidir por onde começar nessa tarefa de explicitação. Para tal, procedeu-se, neste trabalho, a um estudo empírico, através do qual se identificaram os padrões de usos de artigos quer convergentes quer divergentes com o PEC exibidos por estudantes, em contexto de imersão, a frequentar turmas dos níveis A2, B1 e B2/C1 de PLE e cujas línguas LM são o espanhol (ESP) e o chinês (CH). Foram identificados como mais salientes os desvios em sintagmas nominais (SN) referenciais cujo núcleo é um nome contável ou massivo, o que guiou a construção da proposta de sistematização apresentada.

Palavras-chave: artigos definidos e indefinidos, Português Europeu Contemporâneo, ensino de Português como Língua Estrangeira

1. Introdução: o problema

Este é um estudo de Linguística Aplicada ao Ensino, através do qual se promove uma mediação ativa entre a investigação teórica e descritiva produzida no âmbito da Linguística e os interesses práticos das sociedades e dos indivíduos (Hult, 2010). A abordagem que assumimos é, portanto, *problem-oriented*.

O problema que escolhemos abordar é o do ensino dos usos dos artigos definidos e indefinidos a aprendentes do português europeu contemporâneo (PEC) como língua não materna (PLNM) e, mais especificamente, como língua estrangeira (PLE). Tendo em vista a apresentação de uma proposta de intervenção pedagógica que se centra na identificação de *por onde começar* no tratamento deste domínio da gramática e dos usos do PEC, o presente

trabalho inclui também um estudo empírico que visa diagnosticar, com maior precisão, os contornos do problema.

Sabemos os usos dos artigos constituem uma área crítica na aquisição/aprendizagem do PLNM não só porque existem já alguns estudos que o atestam (Leiria, 2006; Zhang, 2010; Baldé, 2011; Miletic, 2016), mas também porque isso mesmo nos transmite a nossa própria experiência de docentes de PLE.

Dito isto, não é, porém, ainda bem conhecida a dimensão do problema nem as formas específicas que assume em populações de aprendentes que se encontram em diferentes níveis de aprendizagem de PLE e com distintas línguas maternas (LM), por falta de estudos empíricos nos quais tenham sido comparados perfis de sujeitos selecionados com base na combinação de estes critérios.

A experiência acumulada na docência de PLE sugere que as dificuldades de adequado uso de artigos acompanham os aprendentes desde os níveis iniciais de aprendizagem, até aos mais avançados. Com efeito, um exercício prático de natureza exploratória realizado com estudantes do Mestrado em Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tendo em vista o apuramento de diferentes categorias de ocorrências desviantes em produções escritas de aprendentes de PLE (Martins 2013), viria a corroborar a escassa flutuação na produção média de desvios de determinação dos nomes desde o nível de aprendizagem A1 até ao C1¹. Para além disso, os poucos estudos existentes sobre desvios desta natureza sugerem que o comportamento referido persiste nas fases mais avançadas de aquisição/aprendizagem e que é dificilmente erradicável². Os usos desviantes dos determinantes parecem ser, deste modo, bons candidatos à fossilização/estabilização precoce (Selinker, 1972; Long, 2003) nas interlínguas dos aprendentes do PLE.

Admitimos que os fatores promotores desta vulnerabilidade específica no processo de aquisição/aprendizagem do PLE sejam de tipos diferentes e, possivelmente, co-operantes. Consideremos, para já, e de modo não exclusivo, os seguintes: (i) o eventual papel do conhecimento linguístico prévio do aprendente, com destaque para o da LM; (ii) o papel do *input* da língua alvo (LA) de aquisição/aprendizagem e, nomeadamente, o efeito

¹ Neste estudo, apuraram-se ocorrências médias de desvios de determinação dos nomes que oscilam entre 2,5 (nível A2) e 4,5 (nível A1). Curiosamente, nos níveis B1, B2 e C1, o número médio de ocorrências desviantes foi superior ao registado no nível A2, i.e., 3,7 (B1), 4,4 (B2) e 3,9 (C1). Nos estudos de Leiria (2006) e de Zhang (2010) não existe informação sobre o comportamento dos aprendentes de PLE por nível de proficiência e no estudo de Baldé (2011: 40), no qual se recorreu a aprendentes sem experiência instrucional em português, a determinação desta variável revelou-se problemática e pouco operativa para efeitos de análise dos dados.

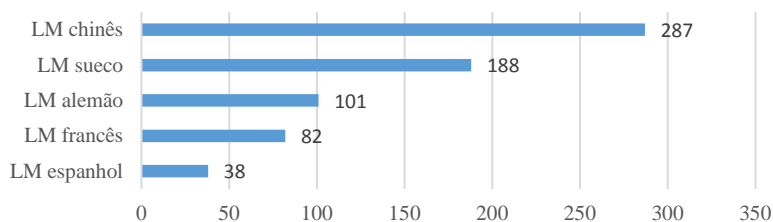
² Para além dos dados de Martins (2013), cf. também Zhang (2010) sobre aprendentes de LM chinesa de nível avançado.

perturbador, para o aprendente, da ambiguidade que caracteriza esse mesmo *input*³.

2. O conhecimento linguístico prévio

No exercício exploratório atrás referido (Martins, 2013), cuja base empírica é constituída por 44 produções escritas de aprendentes com quatro LM distintas (espanhol, inglês, alemão e chinês), o efeito da LM no comportamento desviante não se torna imediatamente perceptível, já que o cálculo do número médio de desvios de determinação dos nomes por aprendente em função da LM não evidenciou disparidades evidentes entre estes segmentos da amostra. Na verdade, a amplitude do número médio de desvios oscila entre 3,3 ocorrências, nos aprendentes com LM chinesa, e 4,3, nos aprendentes com LM inglesa, tendo os de LM alemã registado, em média, 4 desvios de determinação dos nomes e os de LM espanhola, 3,7 ocorrências deste mesmo tipo. Ainda assim, e não se tendo procedido, neste mesmo estudo, a uma análise qualitativa com vista à determinação de subtipos de desvios, os resultados apurados não bastam para se descartar a hipótese da presença de um efeito do conhecimento linguístico prévio na motivação desses comportamentos. Por outro lado, o estudo de Leiria (2006), o único dos referidos que compara os comportamentos desviantes (em produções escritas) de diferentes grupos de aprendentes atendendo à respetiva LM, evidencia os padrões diferenciados observáveis na figura 1⁴.

Figura 1 - Número absoluto de desvios de determinação dos nomes em função da LM de 250 aprendentes (Leiria, 2006)



³ Para além de estes dois fatores, admita-se a possibilidade de alguns comportamentos desviantes, nomeadamente os que decorrem da omissão de determinantes, se ficarem a dever a uma estratégia de fuga à marcação do valor de género gramatical dos nomes cuja identificação, em português, depende fortemente de manifestações sintáticas (i.e., da concordância). Esta hipótese, colocada por Martins (2015, p. 36) num estudo que incidiu sobre desvios de concordância nominal em género e em número nas interlínguas de aprendentes do PEC como LE, foi suscitada pela observação, no *corpus* em estudo, de um conjunto relevante de sintagmas nominais reduzidos, muitos dos quais desviantes em função da omissão indevida do determinante.

⁴ O gráfico foi elaborado a partir dos dados apresentados por Leiria (2006, p. 339) na tabela 25 da obra da autora.

Nestas circunstâncias, será prematuro rejeitar liminarmente a hipótese do efeito da LM / do conhecimento linguístico prévio na dificuldade registada de determinação dos nomes em PLE. Em função dos dados de Leiria (2006), será mesmo de considerar que esse efeito se manifeste, mesmo que nem sempre de modo direto e linear. Admita-se, pois, que o efeito da LM ou de outro conhecimento linguístico prévio se pode apresentar ou sob a forma de transferência direta de estruturas e de processos de codificação dos valores semânticos carreados pelos determinantes (o que será mais provável nos casos em que há proximidade tipológica entre a LM e a LA), ou de modo mais indireto, sob a forma de estratégias preferenciais de comportamento quer desviante quer convergente com a LA. A ser este último o caso, coloca-se a hipótese de um padrão de suscetibilidade diferenciada às ambiguidades do *input* da LA por parte de grupos de aprendentes que partilhem perfis de conhecimento linguístico prévio.

3. A ambiguidade do *input* da LA: os usos de artigos no PEC

São diversos os fatores promotores da ambiguidade do *input* da LA. Por um lado, a frequência de sintagmas nominais (SN) reduzidos, ou seja, sem determinantes, é elevada no PEC, ao contrário do que muitas vezes se pensa (Peres, 2013). Por outro lado, o mesmo SN pode ter interpretações distintas em função do seu contexto de ocorrência. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (1) Passa-me o livro, por favor.
- (2) O livro está em vias de extinção.

Em (1), estamos perante um caso de referência singular definida; em (2), perante um caso de referência genérica. E isto porque a interpretação dos SN determinados está dependente de fatores linguísticos (subclasse semântica do núcleo nominal, tipos de predicador, valores temporo-aspetuais da predicação e contexto verbal transfrásico), mas também de fatores extralinguísticos (contexto situacional e conhecimento do mundo).

Acrescente-se ainda que há, em muitos casos, sobreposição de valores semânticos de SN reduzidos e de SN determinados através de artigos, como se ilustra a seguir:

- (3) Antibióticos não servem para curar gripes.
- (4) Os antibióticos não servem para curar gripes.

Por último, e no que toca aos SN cujo núcleo é um nome próprio, é conhecida a ambiguidade do *input*, nomeadamente no que toca a topónimos. De facto, há casos, no PEC, em que o topónimo é determinado por artigo (5) e outros em que tal não se verifica (6), não havendo um padrão explicitável:

- (5) Vou a Lisboa no próximo sábado.
- (6) Vou à Figueira da Foz no próximo sábado.

4. O diagnóstico

Metodologia

Amostra

A base empírica do presente estudo foi extraída do *Corpus* PEAPL2⁵, sendo constituída por 60 textos escritos produzidos pelo mesmo número de sujeitos aprendentes de PLE em contexto instrucional (universitário) e em imersão (em Portugal).

Tabela 1 – Amostra (número de sujeitos por LM e nível), base empírica (número de textos, de palavras e de nomes) e número de nomes elegíveis para o estudo

LM	Aprendentes		Corpus						
	Nível	#	# textos	# de palavras	# de ocorrências nominais (<i>tokens</i>)	# de nomes elegíveis			
Espanhol (ESP)	A2	10	10	1343	274	274			
	B1	10	10	2666	6562	565	1396	556	1374
	B2/C1	10	10	2553		557		544	
Chinês (CH)	A2	10	10	2063		405		404	
	B1	10	10	2201	7260	478	1550	469	1523
	B2/C1	10	10	2996		667		650	
Σ		60	60	13822		2946		2897	

Foram consideradas, para a seleção dos sujeitos da amostra, duas variáveis relevantes: a LM (neste caso, o chinês e o espanhol, representativos de pontos extremos numa escala de afinidade tipológica com o português, no que concerne à estrutura gramatical em análise) e o nível de proficiência (A2, B1 e B2/C1), apurado em função do perfil da turma frequentada pelo aprendente.

5. Procedimentos de tratamento dos dados

Procedeu-se, em primeiro lugar, à contagem de todas as ocorrências nominais (*tokens*) presentes no *corpus* selecionado. A este conjunto aplicaram-se, em seguida, critérios de inclusão e de exclusão, com vista ao apuramento das ocorrências elegíveis para o estudo. Assim, apenas se consideraram os nomes (não riscados) que são núcleos de SN com função referencial ou predicativa, tendo sido excluídos do apuramento final (i) nomes que ocorrem em expressões com valor aproximativo (*por volta de x*); (ii) nomes fragmentadores de nomes contáveis e massivos (*um bocado de, parte de, o resto de*); (iii) nomes

⁵ *Corpus* de Produções Escritas de Aprendentes de PL2, disponível em <http://www.uc.pt/fluc/rcpl2>.

que ocorrem em expressões com valor de quantificação (*a maioria de*); (iv) nomes que ocorrem em estruturas de correlação de escalas (*à medida que p*); (v) nomes em estruturas preposicionadas com função de marcadores discursivos (*sem dúvida, em relação a, por exemplo, pelo/ao contrário, em verdade, de facto, em conclusão, por causa de, com efeito*), com função adverbial (*ao pé de; com pressa; às vezes*) ou com função adjetival (*em segunda mão*).

Proseguiu-se com a classificação e contagem de todos os nomes selecionados por subclasses semânticas (nomes próprios, nomes comuns contáveis e nomes comuns não contáveis), em função dos respetivos usos em contexto. Consideraram-se **nomes próprios** os que denotam entidades singulares e únicas em qualquer contexto enunciativo, não sendo pluralizáveis. Sendo prototípicos desta subclasse, foram considerados todos os antropónimos, topónimos, nomes de línguas, nomes de disciplinas científicas/académicas, nomes de empresas e de instituições, tendo também sido incluídos os menos prototípicos nomes de meses, de estações e de festividades. Já os **nomes comuns contáveis** denotam conjuntos de entidades descontínuas e discretas, podendo coocorrer com quantificadores de contagem (*um, dois, muitos, vários...*), enquanto os **nomes comuns não contáveis** denotam substâncias, atividades, propriedades, valores ou áreas do conhecimento, por exemplo, podendo, tipicamente, coocorrer com quantificadores de medição como *bastante, muito e pouco*.

Nas operações de classificação e contagem atendeu-se, ainda, às funções semânticas (**referencial ou predicativa**) exercidas pelo SN de que são núcleo. Para se entender o funcionamento semântico dos SN nominais, importa fazer à partida uma distinção entre SN com valor referencial e SN com valor predicativo. Para tal, atente-se nos seguintes exemplos:

(7) O João consultou um médico.

(8) O Rui é um génio.

Numa frase, há tipicamente constituintes cuja função é designar entidades singulares ou grupos de entidades (pessoas, animais, objetos, espaços, situações) no mundo (no mundo real ou num mundo possível, fictício) e outras que predicam algo sobre essas entidades, ou seja, que lhes atribuem propriedades ou entre elas estabelecem uma relação. Em (7), o SN sublinhado tem valor referencial, uma vez que designa uma entidade no mundo, uma entidade humana caracterizada pela sua profissão. Já em (8), o SN sublinhado funciona predicativamente, expressando uma propriedade ou um atributo da entidade designada pelo SN *o Rui*.

Procedeu-se, por fim, à contabilização de todas as ocorrências convergentes e divergentes com os usos dos artigos no PEC. Com vista ao apuramento das ocorrências divergentes, consideraram-se todos os casos (i) de **omissão** indevida de artigo definido ou indefinido; (ii) de **adição** indevida de artigo definido ou indefinido, (iii) de **substituição** de artigo definido por indefinido e vice-versa e (iv) **outros** (todos casos de referência genérica), i.e.,

SN reduzidos com pluralização indevida de nomes não contáveis (**lavar roupas*) ou SN reduzidos com ocorrência singular de nomes contáveis (**Gosto muito de igreja*)⁶. Os procedimentos adotados incluíram, ainda, a contagem dos SN reduzidos presentes no *corpus* que são convergentes e divergentes com a LA.

Todos os dados selecionados foram objeto de uma análise quantitativa e as ocorrências desviantes foram ainda objeto de uma apreciação qualitativa.

6. Resultados e discussão

A proporção de ocorrência de nomes por subclasse é visível na figura 2, sendo notório o claro predomínio de nomes comuns contáveis no conjunto dos nomes elegíveis para o estudo. De entre os nomes comuns, quer contáveis quer não contáveis, são também largamente prevaletes as ocorrências com função referencial, quando comparadas com as que desempenham uma função predicativa, em qualquer segmento da amostra (cf. figura 3).

Figura 2 - Percentagens e números absolutos de ocorrências em cada subclasse de nomes, por segmento da amostra (LM agregada ao nível) e no total dos nomes elegíveis

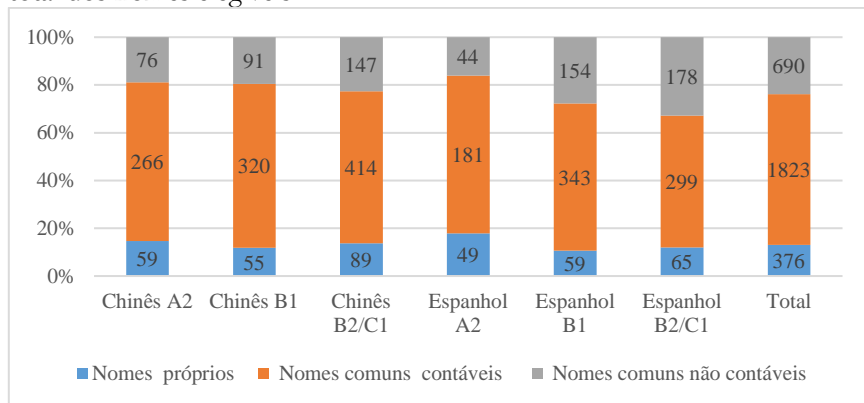
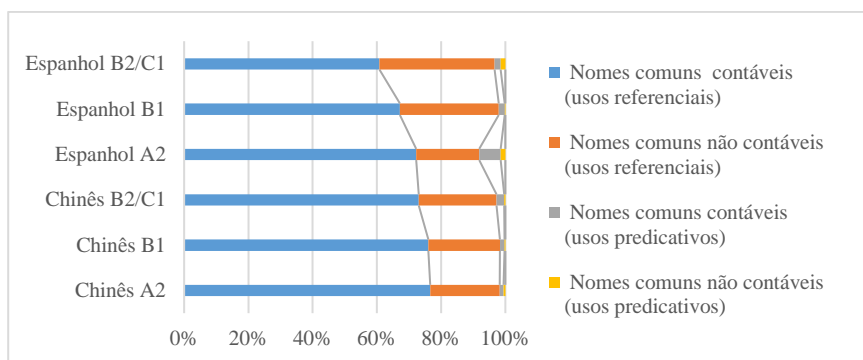


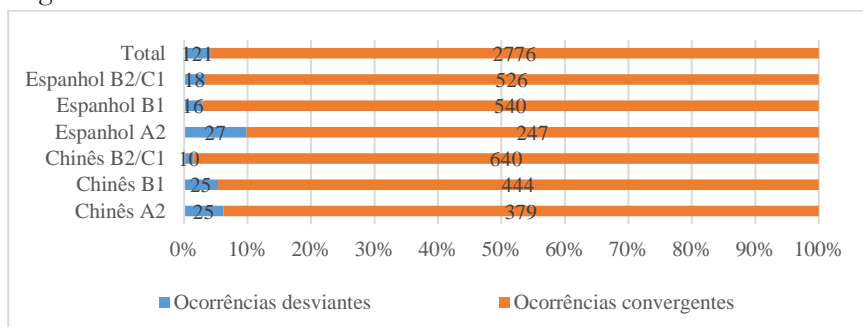
Figura 3 - Percentagens de ocorrências de nomes comuns contáveis e não contáveis com função referencial e com função predicativa, por segmento da amostra (LM agregada ao nível)

⁶ Não se contabilizaram como desvios os casos de contração da preposição *a* + artigo *a* sem acentuação gráfica por ser impossível determinar qual a verdadeira natureza do desvio (omissão da preposição, omissão do artigo ou, simplesmente, erro ortográfico de falta de acentuação).



De entre todas as ocorrências elegíveis, observou-se ainda que a esmagadora maioria (95%) é convergente com os usos do PEC⁷ (cf. figura 4), quer nos casos dos SN determinados, quer quando se trata SN reduzidos. Ainda assim, e observados os SN reduzidos em particular, verifica-se que são desviantes (por omissão indevida de artigo definido) 10% dos que foram apurados na globalidade das produções escritas⁸.

Figura 4 - Percentagens e números absolutos de **ocorrências desviantes e convergentes** com a LA por segmento da amostra e no total dos nomes elegíveis



A figura 4 permite ainda observar a progressão esperada, mas não linear, do nível A2 para B2/C1, sem a erradicação dos desvios nos estádios mais avançados, sendo esta a tendência comum aos dois grupos linguísticos.

⁷ Esta é, de resto, a tendência reiteradamente apurada em vários estudos recentes que têm comparado comportamentos convergentes e divergentes, em produções escritas, de aprendentes do PEC como LE, confirmando-se, tal tendência, independentemente da LM dos sujeitos ou mesmo da estrutura linguística em causa. Exemplos de estudos com resultados deste tipo são Pereira, Santos e Martins (2014), sobre a morfologia verbal e a concordância sujeito-verbo, Martins (2015) e Ferreira (2016), sobre concordância nominal, Wanlan (2015), sobre estratégias de complementação verbal e Canas (2014) sobre representações ortográficas de sibilantes.

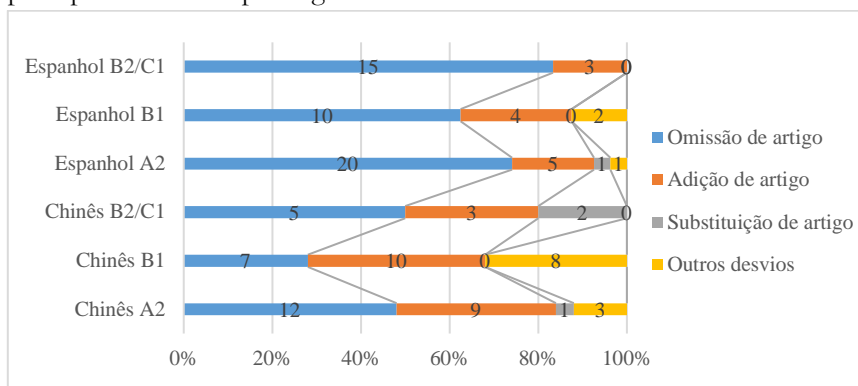
⁸ A expressão dos SN reduzidos é relativamente estável nos diferentes segmentos da amostra, oscilando entre os 22% e os 34% dos nomes elegíveis para o estudo.

Contudo, os melhores resultados surgem no segmento Chinês (CH) B2/C1, enquanto os piores no segmento Espanhol (ESP) A2, sugerindo um efeito do papel da LM/do conhecimento linguístico prévio no comportamento dos aprendentes.

Este mesmo efeito é sugerido pelos resultados apurados por tipo de desvio. Os dados apresentados na figura 5 revelam não só que as omissões de artigos são dominantes, mas também que o são sobretudo em função do comportamento dos aprendentes cuja LM é o espanhol. Por outro lado, e sendo as adições indevidas de artigo menos numerosas, elas assumem mais relevo nas produções dos aprendentes com LM chinesa (que tendem a reparti-las com as omissões de um modo mais equilibrado). Como se observa, as substituições de artigos definidos por indefinidos e vice-versa são residuais, justificando, por este motivo, que o esforço pedagógico incida não só em situações de adição indevida (i.e., na apresentação dos casos em que os SN serão, na verdade, reduzidos), mas também, e sobretudo, nos casos de omissão de artigos.

As omissões com tal expressão podem denunciar uma estratégia de fuga dos aprendentes que, confrontados com a complexidade dos padrões de uso dos artigos no PEC inferidos a partir do *input*, optam por não arriscar a escolha de um ou de outro⁹, mas serão também, no caso de grupos específicos de aprendentes, resultantes de um efeito da LM, como os dados disponíveis sobre o comportamento dos segmentos da amostra por subclasse do nome nos revelam.

Figura 5 - Percentagens e números absolutos de **ocorrências desviantes** por tipo de desvio e por segmento da amostra



Com efeito, e ainda que, no total, os desvios com nomes próprios sejam menos expressivos (cf. figura 2), a análise por segmento da amostra evidencia que os usos de artigos com este tipo de nome são bem mais problemáticos

⁹ Cf., igualmente, a possibilidade avançada na nota 3.

para aprendentes de LM espanhola, revelando-se meramente residuais entre os aprendentes de LM chinesa (cf. figura 6). Por outro lado, e como se observa na figura 7, os desvios de omissão de artigo com nomes próprios, sendo, de longe, os mais significativos, ocorrem de forma absolutamente dominante em textos de aprendentes espanhóis, com antropónimos, topónimos (como em 9) e nomes de festividades (como em 10), entre outros.

(9) ESP C1.11: o vale mais famoso de Ø Venezuela

(10) CHINÊS C1.7: depois das férias de Ø Páscoa

Figura 6 - Percentagens e números absolutos de **ocorrências desviantes** por subclasse do nome e por segmento da amostra

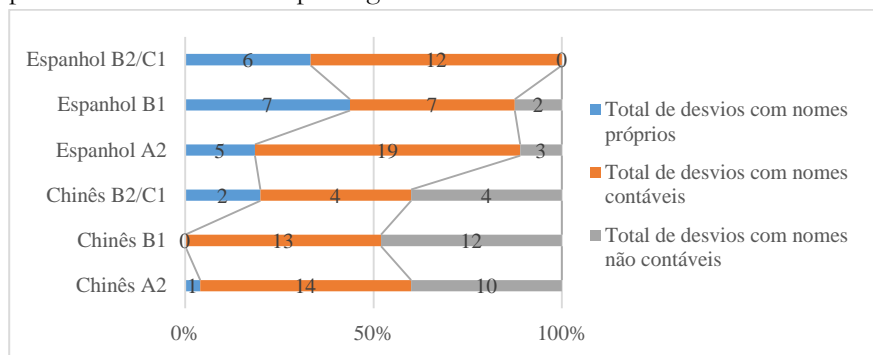
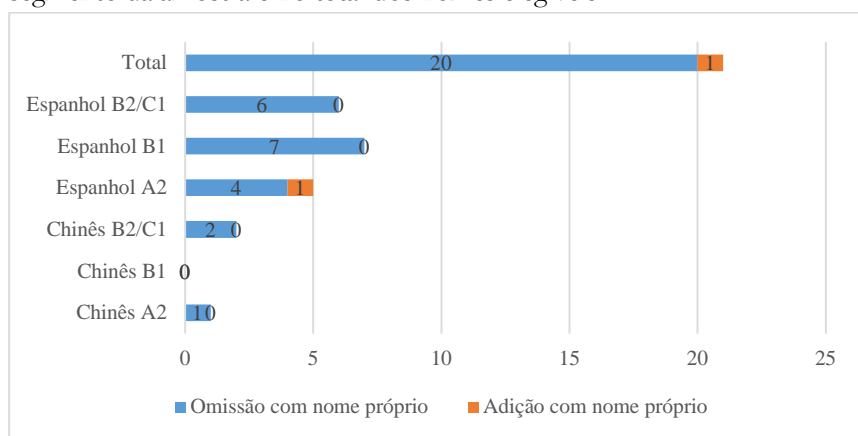


Figura 7 - Números absolutos de tipos de desvios com nomes próprios, por segmento da amostra e no total dos nomes elegíveis



Pode tratar-se de transferência negativa da LM: em espanhol, não se utilizam tipicamente os artigos definidos antes de nomes próprios, ao contrário do que acontece normalmente no PEC. Este é, aliás, um domínio que individualiza o português relativamente a todas as outras línguas românicas. Mas a ambiguidade do input na LA, no que toca a topónimos, não pode ser

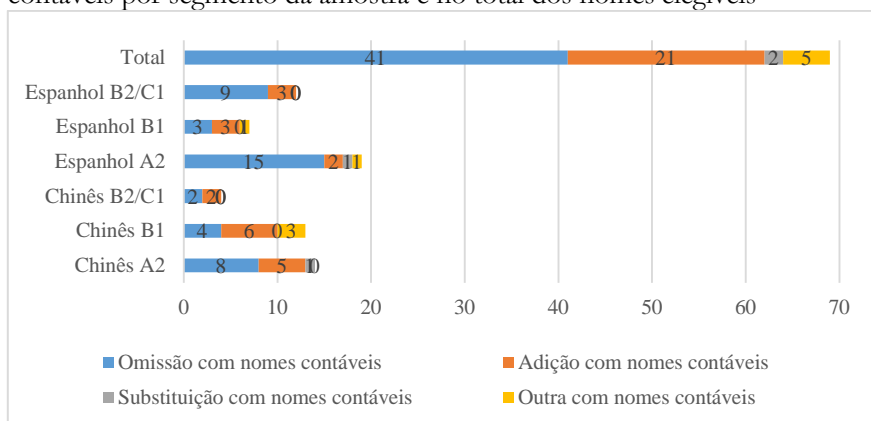
descartada, já que, também no PEC, e como se referiu, coexistem e são intermutáveis, nos mesmos contextos, topónimos sem artigo e topónimos com artigo.

Ilustramos, de seguida, casos desviantes com **nomes comuns contáveis**, por **omissão de artigo definido**:

(11) ESP.C1.13: estou a ter muitas saudades de \emptyset meu país

(12) CHINÊS.A2.82: vou para \emptyset faculdade

Figura 8 - Números absolutos de tipos de desvios com nomes comuns contáveis por segmento da amostra e no total dos nomes elegíveis



São quantitativamente dominantes os desvios deste tipo produzidos por aprendentes espanhóis, nomeadamente na estrutura *artigo definido + possessivo + nome*. Mais uma vez, tal poderá indiciar um efeito de transferência da LM, já que em espanhol a mesma estrutura não comporta o artigo.

Mas outros fatores semântico-pragmáticos, ligados ao uso apropriado de artigos na LA, têm de ser convocados numa análise qualitativa dos dados. De facto, a omissão de artigo definido ocorre em contextos em que a entidade referenciada é definida (conhecida pelo locutor e suscetível de ser identificada pelo interlocutor) e específica (trata-se de uma entidade particular). Ora estes contextos legitimam e forçam o uso do artigo definido no PEC.

Atente-se agora em casos desviantes por **omissão de artigo indefinido**:

(13) CH.A2.12: vamos a Singapura para participar em \emptyset curso da música

(14) ESP.A2.62: Fiz \emptyset viagem

Os desvios detetados ocorrem em contextos em que se introduz pela primeira vez o referente no texto. Trata-se de um referente específico, mas não conhecido ou não identificável pelo interlocutor. E, nestes contextos, a ocorrência do artigo é obrigatória: trata-se esta da função de apresentação do referente realizada pelo artigo indefinido em português.

Atente-se agora em casos de desvios por **adição de artigo definido**:

(15) CH. A2.04: posso de conversar com os meus amigos que vivem nos

outros países

(16) ESP. A2.56: Gosto muito dos animais.

(17) CH. A2.12: Se lê os livros, sabes muita coisa no mundo.

Verifica-se um claro predomínio de desvios deste tipo nos aprendentes cuja LM é o chinês. Os desvios ocorrem em dois contextos distintos: (i) em casos como (15), o artigo definido é usado quando não há informação disponível (no contexto ou no conhecimento do mundo partilhado) que permita ao leitor identificar o referente; noutras palavras: é apresentado como conhecido pelo leitor algo que não o é de facto; (ii) em casos como (16), o falante nativo seleccionaria um SN reduzido, com o nome no plural (*gosto de animais*), para ativar a interpretação genérica intendida.

Foram ainda encontrados casos de **substituição de artigo**, ilustrados em (18) e (19), e **outros desvios** (que relevam tipicamente da flexão de número) (20):

(18) ESP. A2.53: Nos temos a boa relação

(19) CH. A2.09: Quando vejo a pianista na primeira vez

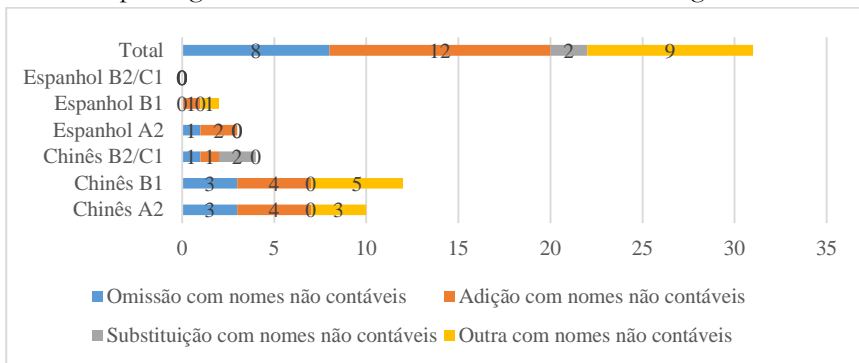
(20) CH B1.06: Gosto muito de igreja

Vejam agora alguns exemplos desviantes com **nomes comuns não contáveis**, começando por casos de omissão de artigo definido:

(21) CH A2.04: Hip Hop e New Jazz são mais forte do que \emptyset dança chinesa

Como se observa na figura 9, os aprendentes chineses são largamente responsáveis por este tipo de desvio. Trata-se de contextos em que se pretende fazer referência genérica à entidade denotada pelo SN com núcleo não contável, o que, no PEC, envolve obrigatoriamente a ocorrência do artigo definido.

Figura 9 - Números absolutos de **tipos de desvios** com nomes comuns não contáveis por segmento da amostra e no total dos nomes elegíveis



Os exemplos seguintes ilustram casos de desvios por **adição de artigo definido**:

(22) CH A2.04: fazemos castelos das areias

(23) CH A2.10: ver o teatro

(24) ESP A2.50: O meu irmão gosta do chocolate

Os aprendentes chineses são, de novo, os que apresentam um maior número de desvios. Foram encontrados (i) casos como (22), em que o nome não contável ocorre no interior de um SP classificador: no PEC, o complemento da preposição é obrigatoriamente um SN reduzido no singular, que refere genericamente o tipo de entidade denotada pelo nome; e ainda casos como (23) e (24), em que o nome não contável ocorre em SN que funcionam como complemento direto ou complemento oblíquo e o locutor quer referir genericamente o tipo de entidade (substância, atividade...) denotada pelo nome. Nestes contextos, é obrigatória a ocorrência de um SN reduzido no PEC. Foram ainda detetados casos de **substituição** (como 23) e **outros** (como 24):

(23) CH. B2.07: Temos de fazer uma comparação entre as vantagens e defeitos entre uma cidade e um campo

(24) CH. B1.12: lavar roupas

Trata-se de desvios efetivamente residuais e continuam a ser os aprendentes de LM chinesa os principais responsáveis pela sua produção.

7. Para uma intervenção pedagógica: por onde começar?

Tratando-se de uma área da gramática do PEC em que há reconhecida variabilidade de usos, associada ao grande número de variáveis (linguísticas e extralinguísticas) que intervêm no respetivo processamento, admitamos que a progressão no domínio destas estruturas (observada nos resultados apurados) decorra, antes de mais nada, da crescente experiência do aprendente em situações comunicativas relevantes. Assim, a tendência de melhoria na taxa de ocorrências convergentes com a LA, desde o nível A1 ao B2/C1 refletirá, naturalmente, o aumento do tempo de exposição ao *input* da LA e a criação de oportunidades reiteradas de produção de *outputs*, indutores, tipicamente, em contexto instrucional, de formas de *feedback* corretivo. Partindo desta assunção, as estratégias de ensino dos artigos no PEC devem passar, necessariamente, pela exposição máxima a *input* nativo autêntico da LA, pela criação de oportunidades de *output* comunicativamente relevantes e pelo fornecimento de diferentes formas de *feedback* corretivo aos aprendentes (Ellis, 2005; Long, 2011).

Consideramos também, e na linha dos que têm realçado as vantagens de diferentes tipos de abordagens *focus on form* (por exemplo, Ellis, 2015), que, para além destas estratégias, será muito importante aproveitar, em contexto instrucional, momentos oportunos para **explicitar o que é explicitável**, quer sob a forma de *feedback* corretivo (i.e., negativo/reativo) explícito, quer no contexto de atividades de *pre-emptive focus on form* (Ellis, Basturkmen & Loewen 2001), através das quais se fornece *input* positivo aos aprendentes que explicitamente incide sobre uma dada estrutura e os seus usos. Sendo

certo que os usos dos artigos no PEC carecem, ainda, de estudos descritivos sobre o funcionamento e as características de várias construções relevantes (é o caso, por exemplo, dos SN reduzidos, entre outros), a verdade é que, em função do estado atual do conhecimento deste domínio, identificável nos estudos de Lopes (1993), Miguel & Raposo (2013), Peres (2013) e Raposo & Miguel (2013), é já possível gizar algumas sistematizações explícitas, com utilidade pedagógica.

Os procedimentos de organização dos dados empíricos analisados no presente estudo permitiram estabelecer como maioritários, nas produções escritas destes aprendentes, os nomes comuns contáveis com função referencial, seguidos dos nomes não contáveis com função referencial e, depois, os nomes próprios. Os nomes comuns (contáveis e não contáveis) em SN com função predicativa são, assim, bastante residuais na produção escrita observada. Deste modo, à pergunta que colocámos, i.e., *Por onde começar?*, cremos que é plausível responder, e em função destes dados, o seguinte: comecemos pelos usos prototípicos com maior expressão no *output* dos aprendentes, i.e., comecemos pelos **usos referenciais dos nomes comuns**.

Nos parágrafos que se seguem, procuraremos, então, sistematizar o que é sistematizável, o mais explicitamente possível. Em Português, um SN referencial contém necessariamente um nome, que pode ser próprio ou comum, contável ou não-contável, e esse nome funciona como núcleo do sintagma.¹⁰ À esquerda do nome ocorrem tipicamente determinantes (artigos definidos ou indefinidos, demonstrativos, possessivos, quantificadores), que contribuem decisivamente para a construção do valor referencial do SN. À direita podem ocorrer complementos selecionados obrigatoriamente pelo nome, nomeadamente quando se trata de nomes relacionais, icónicos e deverbais, e modificadores, que podem assumir diferentes configurações sintáticas (adjetivos/sintagmas adjetivais, sintagmas preposicionais, orações relativas). Dado o objetivo deste estudo, vamos centrar a atenção no papel semântico-pragmático dos determinantes artigos em Português.

SN definidos

Os SN definidos exigem sempre, como afirma Peres (2013), “algum tipo de conhecimento prévio das entidades que referem” (p. 766). Vejam-se os exemplos:

(27) O cão não faz mal, não tenhas medo!

(28) Na minha infância li um livro sobre florestas tropicais. O livro ficou gravado na minha memória.

(29) O homem mais rico do mundo é americano.

¹⁰ Um SN pode também ter como núcleo um pronome, mas esta estrutura não é relevante para o estudo em causa.

Os exemplos ilustram os principais contextos de uso apropriado do artigo definido em português, com nomes contáveis. Em (27), o cão referenciado está presente no contexto situacional. O artigo marca, assim, uma definitude situacional.¹¹ O SN em questão pressupõe a existência e a unicidade do referente, bem como a sua identificabilidade pelo interlocutor.

Em (28), a entidade referida pelo SN *o livro* já foi previamente introduzida no discurso, o SN definido apenas a retoma, assumindo um funcionamento paralelo ao dos pronomes anafóricos. Assim, é o contexto verbal (ou cotexto) que fornece informação descritiva suficiente para a individualização do referente, sendo a definitude legitimada textual ou discursivamente.¹²

É ainda a definitude textual (ou anafórica) que legitima o uso do artigo definido. O artigo definido introduz em ambos os casos um referente que é conhecido porque foi previamente apresentado no texto pelos SN indefinidos *uma menina* e *um cão*.¹³

Em (29), é o conhecimento do mundo que legitima o uso do artigo definido singular. Com efeito, a entidade referida é uma entidade única, identificável pelo nome combinado com o modificador: é sabido que, na escala da riqueza mundial, há uma entidade singular que ocupa ponto mais alto, Bill Gates. A definitude é cognitiva.

Até aqui, ilustrámos paradigmaticamente casos de referência singular definida: o SN definido singular é apropriadamente usado quando o referente existe, é único, conhecido pelo locutor e susceptível de ser identificado pelo interlocutor. Estamos perante SN que referem uma entidade particular ou específica, e assume-se que o interlocutor tem conhecimento suficiente para a identificar. Na esteira de Raposo e Miguel (2013, p. 720), sintetizamos dizendo que um SN referencial definido possui os traços [+definido, +específico].

Há ainda, no PEC, um outro contexto de uso apropriado do SN definido singular com núcleo nominal contável, como se comprova através do exemplo seguinte:

(30) O caracol está em vias de extinção.

(31) O cão é o melhor amigo do homem.

¹¹ Em Peres (2013), a definitude situacional é também apelidada de dêitica. De facto, em exemplos do tipo de (27), o SN funciona como um dêitico, um gesto verbal, apontando para uma entidade presente no contexto situacional. No entanto, contrariamente aos dêiticos demonstrativos, o artigo não carrega nenhuma instrução em termos de localização.

¹² Em contextos deste tipo, o núcleo do SN definido pode ser substituído por um sinónimo ou um hiperónimo, como a seguir se ilustra: (i) *De repente, apareceu uma menina. A miúda tinha um ar assustado.* (ii) *Comprei um cão. O animal sentiu-se em casa logo no primeiro dia.*

¹³ Há ainda um outro caso de uso adequado do artigo definido, explicável no quadro da anáfora associativa. Veja-se o exemplo: *Entrei no Teatro Gil Vicente. O palco estava todo iluminado por velas.* Embora não tenha havido uma menção prévia ao palco, o referente é apresentado como conhecido porque está indissociavelmente vinculado ao referente já apresentado, o Teatro Gil Vicente. A definitude, nestes casos, é simultaneamente textual e cognitiva.

Neste caso, a interpretação é completamente distinta: em (30), o falante não está a fazer referência a um caracol singular e único, mas sim à espécie na sua totalidade¹⁴; em (31), a leitura é ainda genérica, dado que o falante se refere aos cães em geral.¹⁵ A referência genérica pode, pois, ser construída por um SN definido singular em português, nomeadamente em frases que representam situações não episódicas, isto é, situações que não estão ancoradas num intervalo de tempo específico. E o presente do indicativo é o operador por excelência deste tipo de desancoragem temporal.¹⁶

Até agora, apenas analisámos exemplos em que o SN relevante desempenha a função de sujeito. Mas, naturalmente, os valores referenciais identificados podem ser ativados quando os SN em apreço desempenham outras funções sintáticas, como os exemplos atestam:

(32) Passa-me o jornal, por favor.

(33) Falaram-me de uma obra notável sobre a floresta amazónica. Vou comprar o livro logo que puder.

(34) Não estou minimamente interessada em visitar o edifício mais alto do mundo.

(35) Ofereci ao meu melhor aluno um CD de guitarra portuguesa.

(36) Vamos ali ao café beber uma água.

(37) As organizações ecologistas defendem o koala.

Vejamos agora os exemplos (38) a (40), que ilustram casos de referência plural definida:

(38) As crianças estão divertidas.

(39) Houve dez candidatos nas últimas eleições presidenciais em Portugal. Os candidatos confrontaram-se com a indiferença de uma parte significativa do eleitorado.

(40) Os alunos da FLUC transitaram automaticamente para a nova estrutura curricular.

Em todos os exemplos, os SN definidos plurais referem conjuntos específicos de entidades, sendo a definitude garantida, respetivamente, pelo contexto situacional, pelo contexto verbal e pelo conhecimento do mundo.

O SN definido plural também pode desencadear uma leitura genérica, desde que o predicado da frase não comporte nenhuma restrição especificadora em termos temporais:

(41) Os cães são os melhores amigos do homem.

Tal como nos casos de referência singular definida, também nos casos de referência plural definida o SN relevante pode desempenhar distintas funções sintáticas, para além da de sujeito.

¹⁴ Note-se que *estar em vias de extinção* é um predicado de espécie, ou seja, um predicado que só se aplica à entidade espécie.

¹⁵ Sobre a referência genérica em português, cf. também Lopes (1993).

¹⁶ O Imperfeito também pode cumprir esta função, se se fizer referência a uma espécie que já não existe na esfera do presente: *O dinossauro era omnívoro*.

Atente-se agora na semântica dos SN definidos cujo núcleo é um nome não contável. Começar-se-á por analisar os contextos em que o artigo definido coocorre com nomes não contáveis massivos, a partir dos seguintes exemplos:

(42) A água é essencial à vida.

(43) A farinha é um pó obtido através da moagem de cereais e utilizado na alimentação.

(44) Traz-me a água, por favor.

Com nomes massivos, que designam substâncias contínuas, homogêneas, não discretas e concretas,¹⁷ como *água*, *azeite*, *ouro*, *farinha* e *álcool*, o artigo definido singular é usado essencialmente em contextos de referência genérica, em que se faz referência ao tipo de substância denotada pelo nome e não a porções espaço-temporalmente delimitadas dessa mesma substância. É o que acontece nos exemplos (42) e (43), bem como em todos os enunciados definitórios e/ou caracterizadores.

Já em (44), verifica-se um fenómeno de recategorização: *água* passa a funcionar, metonimicamente, como nome contável, designando a garrafa de água, o contentor que o contexto situacional permite individualizar.

Atente-se agora nos seguintes exemplos:

(45) ??As águas fazem bem à saúde.

(46) As águas minerais fazem bem à saúde.

Quando o SN cujo núcleo é um nome massivo está no plural, a pluralização, sem qualquer elemento modificador, dá origem a um enunciado pragmaticamente anómalo, como se atesta em (45).¹⁸ No entanto, (46) é um enunciado totalmente aceitável, dada a ocorrência do modificador adjetival ‘minerais’: a pluralização do nome massivo, em contextos deste tipo, ativa uma interpretação qualitativa e não quantitativa do SN. Ou seja, interpretamos o SN como significando ‘os diferentes tipos de água mineral’.

Generalizando, podemos afirmar que há uma “flutuação polissémica” (Raposo, 2013, p. 957) entre contáveis e não contáveis, em função do contexto de ocorrência dos nomes, o que prova que a categorização linguística é intrinsecamente flexível. Por outras palavras, *água* é tipicamente um nome não contável, massivo, que denota uma entidade “cuja existência se assere no singular” (*ibidem*, p. 952) (*existe água*, *ouro*, *arroz*, etc.), por oposição aos nomes contáveis, que denotam entidades cuja existência se assere no plural (*existem livros*, *homens*, *bolas*, etc.). Mas, em determinados contextos de uso, tanto contáveis como massivos podem sofrer uma recategorização semântica.

¹⁷ Estes nomes são habitualmente conhecidos por nomes massivos. Cf. Peres (2013, p. 737).

¹⁸ Com efeito, quando em Português se quer fazer referência a porções específicas e definidas de água, recorre-se a quantificadores de medição e a modificadores que delimitam espaço-temporalmente tais porções: *os dois litros de água que bebi esta manhã*; *toda a água que estava na pia*.

SN indefinidos

O artigo indefinido, em português, caracteriza-se pelos traços [-definido] e [± específico]. Significa isto que o referente introduzido pelo SN indefinido não é suscetível de ser identificado pelo interlocutor. Este não dispõe de conhecimento para aceder ao referente que o locutor tem em mente. Veja-se o exemplo (47):

(47) Ontem, jantei com um amigo.

O falante que produz este enunciado tem um amigo específico em mente, mas assume que o interlocutor não tem conhecimento suficiente para o identificar. Assim, em (47), o SN relevante caracteriza-se pelos traços [+específico] e [-definido]. Podemos afirmar que este é o contexto prototípico de uso do artigo indefinido no PEC: o SN apresenta pela primeira vez o referente que o locutor quer introduzir no universo do discurso.¹⁹ Há uma pressuposição de existência associada a este uso do artigo indefinido. Ou seja, o SN indefinido faz referência a uma determinada entidade concreta, que existe no mundo. Trata-se, então, de um uso específico do SN indefinido. É absolutamente anómalo dar continuidade a (47) dizendo ‘mas esse amigo não existe’. Mas há outros contextos de uso do SN indefinido que ativam uma interpretação totalmente distinta. Veja-se o exemplo:

(48) Gostava de ter um amigo.

(49) O Rui anda à procura de uma empregada.

(50) A minha mãe deve ter uma notícia para me dar.

Nestes exemplos, não se pressupõe a existência do referente. O SN não designa uma entidade concreta, mas sim uma entidade virtual, caracterizada pelas propriedades que definem a intensão do nome. Assinale-se a possibilidade de acrescentar em (48), ‘mas não tenho em mente uma pessoa em concreto’. Trata-se de um uso não específico ou intensional do SN indefinido, caracterizado pelos traços [-definido] e [-específico]. Note-se que nos exemplos aparecem verbos de atitude proposicional, verbos que expressam um desejo, uma vontade do falante (*querer, gostar...*) e também o verbo modal *dever*. Verbos deste tipo criam um contexto opaco, ou seja, bloqueiam a referência a uma entidade real.

O confronto entre (51) e (52) permite uma clarificação dos dois usos em apreço:

(51) Quero comprar uma casa que *tem* sótão e lareira.

(52) Quero comprar uma casa que *tenha* sótão e lareira.

A alternância dos modos indicativo e conjuntivo no SN relevante é uma chave fulcral para a ativação da interpretação pretendida pelo falante. De facto, em (51) o falante tem em mente uma casa específica e concreta, mas

¹⁹ Depois de apresentado, o referente pode ser tratado como entidade já conhecida no discurso subsequente, o que passa pelo uso de uma expressão nominal definida: *O meu amigo está a atravessar uma fase difícil e precisava de desabafar*.

em (52) o falante apenas exprime a vontade de vir a comprar uma casa, qualquer que ela seja, desde que tenha sótão e lareira. A leitura envolve um objeto meramente virtual.

Para fechar esta secção, importa ainda fazer uma referência breve aos SN indefinidos plurais. Veja-se o exemplo:

(53) Uns alunos convidaram-me para jantar.

Nestes contextos, em que o artigo pode ser substituído pelo quantificador existencial *alguns* sem que haja qualquer alteração semântica na frase, o SN faz referência a um conjunto plural de alunos, não determinado quantitativamente. Naturalmente, o SN comporta o traço [+específico] e [-determinado]. O artigo funciona nestes casos como quantificador vago, já que não exprime um valor preciso relativamente ao número de alunos que convidaram o falante.

Em anexo, apresentam-se quadros que sistematizam a informação aqui descrita e que poderão ser úteis para consultas pontuais em situação de aula.

8. Considerações finais

Tendo começado por considerar, com base nos estudos existentes e na nossa própria experiência docente, que os usos dos artigos são uma área resistente na aquisição / aprendizagem do PLE, o objetivo primordial do presente trabalho foi apresentar uma proposta de explicitação do que, no estado atual dos conhecimentos, é explicitável sobre as estruturas em causa, tendo em vista o desenvolvimento de atividades pedagógicas, quer reativas, quer pró-ativas, inspiradas em pressupostos das abordagens *focus on form*. Atendendo à complexidade que caracteriza o usos dos artigos no PEC (que assim se apresenta como *input* ambíguo para os aprendentes de PLE), foi necessário decidir por onde começar nesta tarefa de explicitação. Para este efeito, procedeu-se, neste trabalho, a um estudo empírico, através do qual se procurou identificar os padrões de usos de artigos quer convergentes quer divergentes com a LA exibidos por estudantes a frequentar turmas dos níveis A2, B1 e B2/C1 de PLE e cujas LM são o espanhol ou o chinês.

A primeira conclusão a sublinhar é que os aprendentes, progredindo, ao longo dos níveis de instrução formal, no sentido de uma crescente convergência com a LA, acertam sempre, e desde o nível A2, muito mais do que erram. Este é um resultado que tem reiteradamente encontrado em estudos que comparam padrões de comportamento convergente e divergente de aprendentes de PLE e que parece ser independente da LM e da estrutura da LA em causa.

Sendo mais circunscritas do que se possa supor, as ocorrências desviantes de usos dos artigos são, contudo, difíceis de erradicar por completo, o que se comprova pela efetiva persistência de alguns desvios deste tipo nos níveis mais avançados de aprendizagem formal. Particularmente salientes são os desvios por omissão do artigo, sobretudo em SN cujo núcleo

é um nome comum contável ou não contável (sendo que os nomes comuns com função referencial são, também, largamente prevalentes nos usos dos aprendentes). Sendo a omissão indevida de artigo um problema recorrente nos distintos segmentos da amostra, também foi possível observar a especificidade de alguns grupos de aprendentes, cujos comportamentos sugerem o efeito da respetiva LM. Particularmente clara, deste ponto de vista, é a tendência dos aprendentes de LM espanhola para a omissão de artigo em SN cujo núcleo é um nome próprio.

As omissões de artigos geraram, no *corpus* analisado, numerosos SN reduzidos desviantes, cerca de um quinto do número total de SN reduzidos nele presentes. Este dado fornece pistas para trabalhos futuros, uma das quais passará pela comparação da proporção de SN reduzidos neste *corpus* e num outro produzido por falantes nativos do PEC. Nesta linha, propomo-nos analisar as interlínguas de aprendentes de PLE no que toca à aquisição/aprendizagem de SN reduzidos (e também determinados) cujo núcleo é um nome não contável abstrato. Embora as gramáticas de referência não deem destaque aos casos em que tais SN reduzidos ocorrem em seqüências fixas ou semi-fixas de palavras, ou seja, em unidades multilexicais (por exemplo, *a convite de, tirar fotos, fazer compras, apanhar sol*), parece-nos que se trata de um contexto relevante para a sua ocorrência, que importa trabalhar com os aprendentes em contexto instrucional, inscrevendo-o no plano do ensino-aprendizagem do léxico.

Referências

- Baldé, N. R. (2011). *A aquisição do artigo em português L2 por falantes de L1 russo*. Dissertação de Mestrado inédita, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Ellis, R. (2015). The importance of focus on form in communicative language teaching. *Eurasian Journal of Applied Linguistics*, 1(2), 1–12.
- _____. (2005). Principles of instructed language learning. *System*, 33, 209-224.
- Ellis, R., Basturkmen, H. & Loewen, S. (2001). Learner Uptake in Communicative ESL Lessons. *Language Learning*, 51(2), 281-318.
- Canas, A. M. L. N. (2014). *Representação gráfica das sibilantes por aprendentes de português L2*. Dissertação de Mestrado inédita, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Ferreira, T. (2016). De que depende a aquisição/aprendizagem da marcação de género nominal em PLNM: o papel da LM do aprendente [Comunicação oral]. *IV Jornadas de PLE*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 9 de dezembro de 2016.

- Hult, F. M. (2010). The History and Development of Educational Linguistics. In B. Spolsky & F. M. Hult (Eds.), *The Handbook of Educational Linguistics* (pp. 10-24). Malden: Blackwell.
- Leiria, I. (2006). *Léxico, aquisição e ensino do Português europeu língua não materna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Long, M. H. (2003). Stabilization and Fossilization in Interlanguage Development. In C. J. Doughty & M. H. Long (eds.) *The Handbook of Second Language Acquisition* (pp. 487-535). Malden: Blackwell.
- _____. (2011). Methodological Principles for Language Teaching. In M. H. Long & C. J. Doughty (eds.) *The Handbook of Language Teaching* (pp. 373-394). Malden: Blackwell.
- Lopes, A. C. M. (1993). Sobre a referência nominal genérica. *Discursos*, 4, 115-134.
- Martins, C. (2015). Número e género nominais no desenvolvimento das interlínguas de aprendentes do português europeu como língua estrangeira. *Revista Científica da UEM: Série Letras e Ciências Sociais. Edição Especial - Línguas não maternas: aquisição/aprendizagem e ensino, variação e política linguística*, 1 (1). Recuperado a 24 de janeiro de 2017 em <http://www.revistacientifica.uem.mz/index.php/seriec/article/view/93>
- _____. (2013). Aprender o que é a interlíngua: um exercício prático [Comunicação oral]. *1^{as} Jornadas de PLE*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2 de dezembro de 2013.
- Miguel, M. & Raposo, E. B. P. (2013). Determinantes. In E. B. P Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura, & A. Mendes, (Eds.), *Gramática do Português, vol. I* (pp. 822-882). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Miletic, R. (2016). Aquisição de artigos definidos e indefinidos em PL2 por falantes nativos de Servo-Croata [Comunicação oral]. *IV Jornadas de PLE*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 10 de dezembro de 2016.
- Pereira, I., Santos, I. & Martins, C. (2014). Aprendizagem do sistema verbal do português: estratégias de construção da interlíngua por três grupos de aprendentes com diferentes LM [Comunicação oral]. *IV Congresso Internacional da Associação Internacional da Língua Portuguesa*, Universidade de Macau, 3-5 de dezembro, 2014.
- Peres, J. (2013). Semântica do sintagma nominal. In E. B. P Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura, & A. Mendes, (Eds.), *Gramática do Português, vol. I* (pp. 735-818). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Raposo, E. B. P. & Miguel, M. (2013). Introdução ao sintagma nominal. In

- E. B. P Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura, & A. Mendes, (Eds.), *Gramática do Português, vol. I* (pp. 703-734). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Selinker, L. (1972). Interlanguage. *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, 10 (3), 209-231.
- Wanlan, Liang (2015). *Estratégias de complementação verbal na(s) interlíngua(s) de aprendentes chineses de PLE*. Dissertação de Mestrado inédita, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Zhang, Jing (2010). Aquisição do sistema de artigos por aprendentes chineses de Português L2. In M. J. Marçalo, M. C. Lima-Hernandes, E. Esteves, M. C. Fonseca, O. Gonçalves, A. L. Vilela & A. A. Silva, (Eds.), *Actas do II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas* (pp. 28-55). Évora: Universidade de Évora.

ANEXOS

Quadro 1 - Artigos + nomes contáveis no singular

	± definido	± específico	Interpreta ção	
Artigo definido	+	+	singular definida	<p><i>a. Passa-me o livro, por favor.</i> O SN, ao ser enunciado, faz referência a um livro particular, presente no contexto situacional, diretamente percebido pelos interlocutores. Usos situacionais.</p> <p><i>b. Quando era criança, li um livro sobre a Amazónia. O livro fascinou-me.</i> O contexto fornece informação descritiva suficiente para a individualização do referente. Definitude textual (ou anafórica).</p> <p><i>c. O livro sagrado dos cristãos...</i> É o conhecimento do mundo que legitima o uso do artigo definido singular. A livro referido é um livro único, a Bíblia. Definitude cognitiva (ou epistémica).</p>
			genérica	<p><i>O livro está em vias de extinção.</i> Faz-se referência a uma classe de entidades ou a uma espécie: os livros em geral.</p>
Artigo	-	+	indefinida específica	<p><i>Li um livro nas férias.</i> O falante tem em mente um livro particular, que não é não identificável/conhecido pelo interlocutor.</p>

Quadro 2 - Determinantes + nomes contáveis no plural

	± definido	± espec.	Interpretação	
Artigo definido	+	+	plural definida	<p>a. <i>Os livros estão na prateleira de cima.</i> O falante faz referência a um conjunto de livros específicos/particulares, conhecidos pelo locutor e suscetíveis de serem identificados pelo interlocutor.</p> <p>b. <i>Ontem, comprei uns livros. Os livros foram-me vivamente recomendados pela minha mãe.</i> O SN faz referência a um conjunto específico de livros, aqueles que o falante comprou no dia anterior à produção do discurso. O contexto fornece informação para a identificação do conjunto de livros relevante.</p> <p>c. <u>Os livros sagrados das religiões monoteístas ...</u></p>
			genérica	<p><u>Os livros estão em vias de extinção. = O livro está em vias de extinção.</u></p>
Artigo indefinido	-	+	indefinida específica	<p><i>Li uns livros fascinantes nas férias.</i> O falante tem em mente um conjunto de livros específicos, mas que não são conhecidos pelo interlocutor.</p>
	-	-	indefinida não específica	<p><i>Se não souberes o que me hás de dar pelos anos, compra-me uns livros (=alguns livros)</i> O falante não tem em mente um conjunto específico; qualquer conjunto de livros arbitrário satisfará o pedido.</p>

Quadro 3 - **Artigo definido + nomes não contáveis**

Determinante	± definido	± específico	Interpretação	
Artigo definido singular			genérica	<i>A água é essencial à vida.</i> O falante faz referência ao tipo de substância denotada pelo N. Não pluralizável.
	+	+	específica	<i>A água que bebi esta manhã tinha um sabor esquisito.</i> O falante faz referência a uma porção espacial e temporalmente delimitada da substância.
Artigo definido plural			genérica	??/#As águas são essenciais à vida. As águas minerais fazem bem à saúde.

NOTA: Na estrutura *artigo indefinido + nome não contável* ocorre uma recategorização em *contável* (Ex: *Quero uma água*).